



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
Departamento de História

**“- ISSO É RÁDIO? - NÃO, É PODCAST!”: A EXPERIÊNCIA  
FORMATIVA DO PAPO DE ORELHÃO NA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA**

(TCC- Modalidade Produto de Divulgação Histórica)

Estudante: Ana Clara de Souza

Gomes Matrícula: 170136531

Orientadora: Prof. Dra. Cristiane de Assis Portela



**UnB**

**FUTURO  
É AGORA**

**Brasília-DF, maio de 2023**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
Departamento de História

**ANA CLARA DE SOUZA GOMES**

**“- ISSO É RÁDIO? - NÃO, É PODCAST!”: A EXPERIÊNCIA  
FORMATIVA DO PAPO DE ORELHÃO NA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA**

(Relatório que acompanha Produto de Divulgação Histórica)

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso de História  
na Universidade de Brasília, apresentado como requisito  
parcial para a obtenção do grau de licenciada/bacharel em  
História.

**Modalidade:** Produto de divulgação histórica  
Orientadora: Prof. Dra. Cristiane de Assis Portela

**Brasília-DF, maio de 2023**



**FUTURO  
É AGORA**

Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

**Ata de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso**

2023.1

No dia 03 de maio de 2023, às 10h00, a Banca Examinadora que assina a presente Ata examinou o trabalho do(a) aluno(a) **Ana Clara de Souza Gomes**, matrícula 17/0136531, que defendeu o TCC 2 intitulado “- Isso é Rádio? - Não, é Podcast!”: a experiência formativa do Papo de Orelhão na Universidade de Brasília. Exposto o trabalho, realizadas as arguições e avaliadas as respectivas respostas, a Banca decidiu pela:

( X ) aprovação com menção: SS.

( ) reprovação com menção:\_\_\_\_\_.

Solicita-se o lançamento da menção obtida e o arquivamento desta.

Brasília, 03 de maio de 2023.

Prof. Dra. Cristiane de Assis Portela  
(Orientador/a)

Prof. Dr. Daniel Gomes de Carvalho  
HIS/ UnB (Membro Interno)

Prof. Ms. Bibiana Soyaux de Almeida Rosa  
SEDF (Membro Externo)

O(a) aluno(a) deverá enviar para o e-mail: [his@unb.br](mailto:his@unb.br) o **TCC e o FORMULÁRIO TERMO DE AUTORIZAÇÃO, em formato PDF**, para serem encaminhados à BCE.

## **AGRADECIMENTOS**

Tenho gratidão por todos que de alguma forma estiveram presentes para em mais essa etapa na minha vida acadêmica. Destaco entre essas pessoas primeiramente a minha família, em especial meus pais, Jacileny e Marcos, meus primeiros incentivadores e apoio em tudo que me proponho a realizar. Agradeço à minha orientadora Cristiane Portela, a quem tenho como inspiração profissional e pessoal por toda sua dedicação e carinho por tudo que faz. Agradeço a todos os envolvidos na criação e produção do podcast Papo de Orelhão, em especial minha “dupla dinâmica” nessa jornada, Luiz Gustavo Assunção. Também agradeço a Matheus Rabelo por sua paciência para explicar e me ajudar a compreender melhor tudo que envolve as questões técnicas presentes na história do suporte podcast.

# **“- Isso é Rádio? - Não, é Podcast!”: a experiência formativa do Papo de Orelhão na Universidade de Brasília**

*Ana Clara de Souza Gomes*

*Graduanda em História pela UnB*

**Resumo:** A fim de reconhecer limites e potencialidades do uso de podcasts na formação inicial de estudantes de História, apresentamos aqui reflexões geradas em torno de observações do processo de construção do Podcast “Papo de Orelhão”, vinculado ao Projeto Outras Brasília, da Universidade de Brasília. Este relatório, que acompanha o Podcast Papo de Orelhão, na Modalidade Produto de Divulgação Histórica, visa contextualizar o podcast como ferramenta digital, baseada na sua própria criação e avanços ao longo dos anos, historicizando o seu surgimento e usos. Entendemos que esta ferramenta pode desempenhar um papel importante na construção do conhecimento de graduandos na área de História, seja como instrumento de produção científica ou como recurso didático no contexto do ensino superior. Assim, problematizamos como o podcast se converte de ferramenta a linguagem, ao se tornar mais que uma simples forma de reprodução de áudio, mas um lugar de experimentações para a produção de formas de conhecimento que permitam pluralizar narrativas e visibilizar sujeitos históricos secundarizados.

**Palavras-chave:** Podcast; produto de divulgação histórica; história do Distrito Federal; formação em História

## **1. “Isso é rádio? Não, é podcast!”: o podcast como ferramenta digital e suas formas de produzir e compartilhar conhecimento em áudio**

A frase que trazemos ao título deste TCC referir-se a um diálogo intergeracional recorrente quando tentamos explicar para as pessoas mais velhas “o que fazemos ao fazer um podcast”. A associação imediata é ao rádio, evidenciando as afinidades destas tecnologias no imaginário mais comum, sendo mote para pensarmos aqui suas aproximações e diferenças. O podcast é uma tecnologia que tem seu espaço consolidado na internet desde o início dos anos 2000, que surgiu como uma forma de expandir e explorar as potencialidades que o blog conquistou no mundo online. Porém, como muitas das ferramentas que surgiram a partir da internet na virada do milênio, traz consigo a impressão de ser muito mais jovem. E por consequência, de pertencer ao universo das gerações que já nasceram no mundo “online”, criando-se uma falsa barreira etária envolta dessas chamadas “novas tecnologias”. Assim o

próprio mercado de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) desenvolve estratégias para aproximar esse grande público que não se identifica com os hábitos e ferramentas que para os millennials e Z's são naturais. Uma das abordagens para aproximação com esse público, que corresponde a um número muito expressivo da população, é associar as novas TIC's a tecnologias e formas de consumo já rotineiras para esses indivíduos. Assim, da mesma forma que os telefones móveis (ou celulares) surgiram como um *upgrade* dos telefones fixos, as plataformas de vídeo e *streamings* como alternativas para televisores e cinemas, argumentamos que o podcast está associado, para esse público das gerações anteriores, ao rádio, com o diferencial de não possuir propagandas ou ser uma transmissão que se perde depois do “ao vivo”.

Como apontado em estudo feito pela IAB Brasil (Interactive Advertising Bureau), uma organização internacional atenta ao desenvolvimento e tendências do mercado de publicidade e marketing digital, na pesquisa “A influência da publicidade digital no universo dos podcasts”, pelo menos 76% dos entrevistados no país consumiram conteúdo no formato podcast ao menos uma vez no ano 2021 (Guia de Podcast Advertising, 2022). Em outra pesquisa, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters e publicada em 2022, se evidencia o significativo crescimento de 43% nas buscas pelo termo “podcast” na ferramenta de buscas da Google, no período de janeiro a setembro do ano em questão, comparando-se com a média total de 2021. Esses dados conseguem dar um vislumbre do aumento expressivo de popularidade e público adepto ao podcast, sobretudo após o distanciamento social gerado pela pandemia de Covid-19, o que também aponta para um grande potencial de alcance dessa nova forma de comunicar e compartilhar conteúdo.

Apesar do podcast ter criado um diversificado e cada vez mais amplo público, podemos considerar que essa tecnologia ainda se mantém à margem do campo educacional formal e de grande parte da divulgação científica no país. Interessa à discussão pretendida neste artigo, nos debruçarmos sobre essa distância entre os espaços formais do ensino brasileiro com um meio de comunicação e informação tão potente em termos de atuação, sobretudo ao se pensar a educação a nível superior. O Brasil vive uma tardia inserção do podcast universitário no contexto educacional institucionalizado em cursos de História, mas há iniciativas como o programa “Estudos Medievais” (acesso em: <https://open.spotify.com/show/estudosmedievais>) do Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo (LEME-USP). Mesmo que ainda em 2004, iniciativas usando tal tecnologia já se mostrassem sólidas no país, ao ponto de se

criar uma “podoesfera”. Ou que desde o ano de 2007 instituições de ensino superior de todo o mundo já utilizassem o podcast como uma forma de comunicação e divulgação das reflexões e produções acadêmicas, tanto para o público interno quanto externo (VICENTE, 2018), essa inserção no Brasil tem sido tardia.

O podcast passou a ganhar mais atenção do público brasileiro durante a pandemia do covid-19, a partir de 2020, embora seja uma tecnologia surgida ao fim dos anos 1990 e com uma consolidada comunidade nacional desde 2004. Sua boa aceitação por parte dos brasileiros pode possuir ligação com a popularidade do rádio, que por muitas décadas foi a forma primária de informação não escrita, até a chegada e maior acesso a outras tecnologias no país, como os televisores. Porém, justamente essa ligação que gera dificuldade, principalmente para gerações habituadas ao rádio, compreender o podcast como uma tecnologia autônoma, e não uma continuação ou subcategoria do rádio.

Em linhas gerais, o podcast pode ser definido como uma Tecnologia da Informação e Comunicação, TIC, que se baseia no compartilhamento online de arquivos de mídia em áudio. Ao nos fixarmos nessa definição, puramente técnica, cunhada quando o podcast ainda era um projeto embrionário, pode parecer suficiente compreendê-lo como uma continuação do rádio terrestre, já amplamente conhecido. Podemos ainda pensá-lo como uma nova forma de rádio, caracterizada pela tecnologia digital e surgida com a popularização da internet, o que é o caso da web rádio. Porém, ao nos aprofundarmos na trajetória de criação e consolidação da tecnologia podcast, nota-se um modo próprio de produção, consumo e atuação, mesmo que ainda possua uma relação com a tradição radiofônica.

A fim de delimitar melhor essa identidade, Eugênio Freire (2017) propõe traçar um comparativo entre o podcast, o rádio convencional e o web rádio. Ao pensar que a utilização do áudio como instrumento comunicativo é um aspecto comum entre estes formatos, podemos avaliar que a forma de produção de conteúdo e a relação com o público consumidor guarda diferenças consideráveis entre o podcast e o rádio, mesmo que seja a web rádio possa ser comparada a este último. Embora o uso de um mesmo tipo de mídia una esses três veículos comunicativos, e por vezes, programas de podcast possam se utilizar de elementos radiofônicos para provocar certas sensações e sentimentos em quem consome conteúdo nesse formato, a sua própria história mostra demarcações importantes da sua distância com o rádio.

É importante lembrar que o podcast surgiu, inicialmente, como uma tecnologia anexa ao blog, outro meio de compartilhamento online de mídia, criado em 1998, e que tem por base uma linguagem textual caracterizada pela compilação de hiperlinks. Esse tipo de plataforma online já possuía a capacidade de compartilhar conteúdos em formato de áudio mp3, sendo esses arquivos chamados audioblogs. Assim, no fim da década de 1990, embora de forma limitada, a internet já começava a se interessar pela possibilidade de compartilhar conteúdos sonoros não musicais. Até este momento, o consumo das mídias, seja por meio de blogs ou dos audioblogs, não se dava de forma online, como é comum atualmente, sendo necessário acessar os suportes desse tipo de mídia por meio do navegador e fazer download das publicações de interesse, para enfim consumi-las offline.

A partir de 1999, a criação do sistema RSS (Really Simple Syndication) iria transformar o acesso a tudo que circulava na internet, criando uma espécie de antecessor do feed que conhecemos hoje, e abrindo caminhos para o que viria a se tornar o podcast. Esse é um sistema para distribuição instantânea de publicações online de sites, blogs, entre outros, no qual o usuário se inscreve naquilo que possui interesse, sendo atualizado em um tipo de feed com os novos conteúdos assim que postados. Dessa forma, se retirou a necessidade de verificação “manual”, plataforma por plataforma, para ter acesso a novidades de cada uma. O sistema RSS funcionava muito bem com publicações e meios de comunicação baseados em texto, mas não conseguia fazer o mesmo com outros formatos de mídia como o áudio, deixando os audioblogs pouco acessíveis ao seu público. (FREIRE, 2017)

Já no início dos anos 2000, alguns entusiastas da tecnologia da informação passaram a enxergar um grande potencial informacional na distribuição de conteúdo online em formato de áudio . Entre essa comunidade em expansão na internet, estava Adam Curry, um ex-VJ do canal MTV e que no futuro ganharia o título de “pai do podcast” ou “podfather”. Assim, em parceria com o programador Dave Winer, foi criado um enclosure (tipo de protocolo para anexação) visando incluir áudios digitais no sistema RSS. Curry desenvolveria posteriormente o primeiro agregador para essa nova versão do RSS, denominado *Ippoder*, nome inspirado na linguagem Applescript, usada para o desenvolvimento do software em questão (FREIRE, 2017, p. 60). Ambas tecnologias desenvolvidas por Curry e Winer são abertas, ou seja, livres para serem alteradas e usadas como base para outras criações.

Com propósito de propagar seu projeto com Dave Winer, Adam Curry tornou-se também o primeiro podcaster, termo cunhado para descrever quem produz conteúdos em formato podcast, ao lançar o programa diário Daily Source Code. Segundo Eugênio P. A. Freire, a produção de Curry funcionou como um espaço para discussão da cena do podcast e como um ambiente prático para evolução dos softwares voltados para essa tecnologia de comunicação, atraindo assim outros desenvolvedores interessados em conhecer mais a tecnologia e a aprimorar colaborativamente (FREIRE, 2017, p. 61). Essa inovação chamou também a atenção da mídia tradicional, e foi nela que se cunhou o termo podcast ou podcasting unindo Ipod e broadcast(o nome do tocador MP3 da Apple e a palavra transmissão em inglês, em um artigo do jornalista Ben Hammersley para o jornal The Guardian, no qual o tema foi justamente esse novo cenário online envolvendo áudio que estava em expansão acelerada no início dos anos 2000 (HAMMERSLEY, 2004).

Ao se pensar como ocorreu o desenvolvimento tecnológico e a produção do embrionário programa podcasting (quando esse nome sequer existia), fica claro que a intenção a princípio foi criar um ambiente pautado pelo compartilhamento, diálogo, debate e autonomia. Algo que busca se estender para produtores e consumidores de conteúdo, considerando que o desenvolvimento deste partiu da necessidade de aprimorar essas duas formas de compartilhamento informacional que já eram consolidadas na internet nos anos 1990. Esse contexto histórico acerca do podcast, evidencia a sua maior proximidade com o blog e o audioblog. Mesmo possuindo essa relação histórica com o blog e o audioblog, vale ressaltar que, de forma consideravelmente rápida, o podcast se desvinculou em termos técnicos e conceituais dessas duas formas de suporte de mídias, constituindo uma comunidade que mobiliza uma identidade singular que se insere na “cultura participativa”, apontada por Henry Jenkins, onde os receptores de conteúdo não agem mais passivamente, se tornando parte da criação de conteúdo ao elaborar e repassar ideias a partir das informações fragmentadas que dispõe em um mundo tão conectado e diverso como a internet (JENKINS, 2006).

Embora promissora, a criação de Adam Curry não se encontrava sozinha nesse cenário de ferramentas de áudio online, iniciado nos anos 1990, como fica evidente no já mencionado artigo de Ben Hammersley, publicado em 2004. O advento da internet exigiu e impulsionou a renovação de todos os meios de comunicação já tradicionais, dentre eles, o rádio. A possibilidade de distribuição de áudio por meios online atraiu as emissoras já tradicionais no mercado e as iniciativas de rádio independentes ou institucionais. No Brasil as primeiras web rádios, também

chamadas de rádio online, surgiram em 1996, vinculadas principalmente a portais de notícia e entretenimento já consolidados, e às universidades públicas (TRIGO-DE-SOUZA, 2004, p. 27). Algo que se deve, em parte, à indiscutível popularidade que o rádio convencional já possuía e conseguiu espelhar por um tempo na sua versão online.

Ainda que o web rádio partilhe com o podcast o caráter online, esta é uma TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) muito mais próxima do rádio terrestre já amplamente conhecido. Suas características em termos de produção e interatividade o aproximam muito mais do *status* de desdobramento do rádio, do que ocorre com o caso do podcast. O que o faz um bom instrumento comparativo a ser utilizado aqui para compreender como rádio e podcast se distanciam mesmo que possuam as mesmas condições de distribuição, no caso, a internet e a possibilidade de streaming (transmissão online em tempo real).

Como Eduardo Vicente explica, pelo menos no caso brasileiro, as web rádios surgiram como uma estratégia de emissoras já presentes no mercado para atrair, manter e ampliar a interação com um público que estava dando seus primeiros passos na internet (VICENTE, 2018, p. 93). Ao analisar o web rádio, podemos verificar a manutenção do modelo de produção já consolidado na versão terrestre do rádio, permanecendo a necessidade de criar conteúdos para preencher uma grade fixa, diária e síncrona. Assim, conserva uma dinâmica já consolidada no rádio terrestre, entre produto radiofônico e consumidor. Deste modo, se diferencia do podcast, que possui uma produção focalizada em um único recorte ou nicho temático, podendo ainda se dividir em temporadas com assuntos específicos, e tendo disponibilização dos conteúdos de forma assíncrona.

O podcast e o rádio, sejam em seus modos online ou convencional, também guardam diferenças relevantes em suas formas de interagir com o público. Em relação às produções radiofônicas, o fator “ao vivo” e estrutura de grade horária, acabam gerando dificuldades em criar um espaço de diálogo entre produtor e receptor. Se tornando um meio pelo qual o público recebe as informações de forma menos participativa e autônoma, com intervenções pontuais por meio de comentários e perguntas realizadas no ar. Além de não existir a possibilidade de retorno do usuário ao conteúdo de forma autônoma, não podendo ter acesso irrestrito ao que foi oferecido em determinada janela temporal, o que não contribui para um prolongamento ou aprofundamento nas discussões suscitadas por meio deste. O rádio, dessa maneira, possui uma relação imediatista

e univocal com o seu público, surgindo a cada reinício da programação novos assuntos e demandas que sobrepõe as anteriores.

No caso do podcast, o modelo de disponibilização assíncrona de conteúdos, acaba por oferecer vantagens na relação com seus consumidores. Como é de sua natureza, o podcast visa gerar um espaço menos engessado e acessível para seus interessados. Para isso, em termos de conteúdo, o objetivo é sempre gerar o start para um diálogo que pode retornar em outros episódios ou continuar nos meios auxiliares de comunicação, mas que sobretudo ser o fio condutor para o aprofundamento e reflexão de maneira autônoma para o público. Assim, é comum a associação dos programas podcastings com sites, blogs, perfis em redes sociais e fóruns online em que, de forma contínua e ilimitada, acontece a interação de toda a comunidade em torno daquele produto de mídia, o que inclui de produtores a simplesmente interessados no tópico em debate.

Essa característica corrobora para o podcast ser mais que uma experiência de escuta, mas que também agrega recursos visuais e até mesmo textuais, como imagens e transcrição dos episódios. Sendo esse último recurso citado, relevante para se compreender também como o podcast se tornou mais próximo de uma tecnologia de oralidade, do que de áudio propriamente. A disponibilização de transcrição dos episódios, onde a cadência e expressões da fala, discurso dos participantes e efeitos sonoros são conservados, denota como essa ferramenta pode ser inclusiva para aqueles que não o podem ouvir pelos mais diversos motivos. O podcast não se associa à experiência do ouvir, mas sim a uma experiência que pluraliza a contação de história e interlocutores, o que mostra essa tecnologia como um instrumento que “dá voz” à informação e debate de forma livre e espontânea. Assim, pensamos ser necessário problematizar o termo “ouvinte” para se referir a quem consome essa forma de conteúdo, expressão que ainda é amplamente usada nas produções de rádio.

Essa comparação entre o rádio e o podcast, ajuda a observar suas interseções, mas também o caminho independente galgado por essa nova alternativa audiográfica. Que graças ao seu caráter dinâmico em termos técnicos e simbólicos se apresenta como uma forma de comunicar que não imputa aos produtores criar meios para se inserir em uma lógica de mercado, ao mesmo passo que sua forma de interatividade com o público possibilita uma troca contínua entre os interlocutores envolvidos. Assim seguindo a reflexão de Luiz Otávio Correa, apresentando-se como um meio para a divulgação científica, e nesse caso de História Pública,

que conserva a autonomia e a legitimidade do conteúdo criado pelo pesquisador-cientista que se propõe a trabalhar nessa área, e sem a necessidade de se condicionar aos aspectos da indústria midiática (CORRÊA, 2014).

Embora o rádio tenha importância significativa até mesmo no processo de popularização do podcast no Brasil, e certos elementos vindos da cultura radiofônica tenham se tornado ferramentas na produção podcasting, essa tecnologia se constituiu progressivamente como um produto com características únicas, ultrapassando até mesmo suas próprias definições técnicas iniciais. Hoje o podcast não é apenas uma forma de veiculação online para mídias de áudio, mas criou uma própria cultura sonora, (VICENTE, 2018, p. 104) não se limitando mais a uma forma de escuta, mas se transformando em uma ferramenta de oralidade (FREIRE, 2017, p. 60).

## **2. Um podcast de historiadores para públicos diversos: o Papo de Orelhão como espaço de experiência na Universidade de Brasília**

Os avanços pelos quais o podcast passou ao longo dos anos, tendo majoritariamente como fundamento a colaboratividade, denotam como foi ocorrendo a manutenção do seu objetivo inicial, em ser uma ferramenta para a liberdade no mais amplo sentido. Sua potência está em promover o diálogo de diferentes narrativas e personagens, assim como contribuir com a expansão ao acesso e meios de construção do conhecimento. E mesmo que no Brasil, o podcast se encontre ainda em uma lenta inserção nos espaços formais de ensino, este representa um instrumento de grandes possibilidades para as práticas pedagógicas e para a divulgação científica; o podcast conseguiu consolidar-se como um espaço de interação das mais variadas vozes e sujeitos, e como um fomentador do debate e aprofundamento do conhecimento. Estas são qualidades que fazem do podcast uma ferramenta valiosa de criação informacional e reflexiva, tanto para quem produz os conteúdos podcastings, quanto para quem os consome.

Com a intenção de ilustrar melhor essas potencialidades que o podcast apresenta, enquanto linguagem formativa e ferramenta de divulgação/produção científica, trazemos como exemplo a produção do podcast Papo de Orelhão, criado a partir de atividades de ensino de uma disciplina de graduação do curso de História na Universidade de Brasília. Essa é uma iniciativa de extensão, que toma como mote a história do Distrito Federal, propondo um debate historiográfico que visa compreender sujeitos e narrativas secundarizadas na historiografia que se

tornou hegemônica. Nesta experiência, os estudantes em formação protagonizam todas as etapas: na pesquisa, na elaboração de conteúdo e como *host* (termo usual na podosfera para quem apresenta um podcast).

O *Papo de Orelhão* é um podcast universitário que surgiu no curso de história da Universidade de Brasília em 2021, como parte do projeto de pesquisa, ensino e extensão intitulado *Outras Brasília: ensino de História do Distrito Federal a partir de fontes documentais*, coordenado pela professora Cristiane Portela. O podcast é integralmente produzido por alunos da graduação em História da UnB, sob a coordenação da professora. O objetivo do programa é falar sobre a história do Distrito Federal do ponto de vista de personagens pouco mencionados ou completamente esquecidos pela historiografia já corrente, levando ao ouvinte novas narrativas e memórias que fogem da ideia de uma Brasília que se restringe a Juscelino Kubitschek, seus grandes personagens e acontecimentos. O programa se constitui como um espaço de diálogo do conhecimento já produzido sobre a história do DF e de novas perspectivas suscitadas por alunos pesquisadores que estão no seu processo de formação.

Os primeiros rascunhos do programa surgiram em 2021, durante a disciplina Laboratório de Ensino de História, ofertada pela professora Cristiane Portela no Departamento de História da Universidade de Brasília, ainda em formato remoto emergencial, no contexto de suspensão das atividades presenciais em função da pandemia de covid-19. Uma das atividades que deveriam ser desenvolvidas em equipes para essa disciplina, era a criação de um material didático ou um produto de divulgação histórica, usando mídias sociais ou novas tecnologias. No contexto da pandemia, o crescente consumo de podcasts no Brasil e o dinamismo que o mesmo oferece em termos de produção, inspirou o grupo a usar esse formato para criar tal material. Nenhum membro do grupo possuía qualquer experiência com esse formato no papel de produtores de conteúdo, assim todas as etapas para a criação de um podcast foram sendo aprendidas com a ajuda de tutoriais disponíveis na internet e pela observação de outros programas.

Compuseram esta equipe da disciplina, os seguintes estudantes: Alexandre Lima Sousa, que cuidou da pesquisa para a criação dos episódios; Ana Clara de Souza Gomes, fazendo parte da narração dos episódios; Jamesson Rômulo Brenno, como revisor de roteiro; Luiz Gustavo Assunção Silva, na função de roteirista e editor de áudio; e Samuel Lincoln Vieira Alves, cuidando da revisão de áudio. Nos dois episódios experimentais criados para a disciplina todos os integrantes falaram em pelo menos um episódio. Uma configuração parecida do grupo seguiu no

início da 1ª temporada do podcast, passando depois a assumir o papel de *host* fixa e roteirista dos episódios. Posteriormente, houve a saída de parte da equipe original, permanecendo apenas Luiz Gustavo Assunção Silva e eu, momento em que precisamos nos reorganizar para cumprir as funções que nossos colegas desempenhavam. A princípio essa seria uma situação provisória, que ao longo da temporada se mostrou funcional para o andamento do podcast, que passou por colaborações pontuais de membros de outros projetos do Outras Brasília, mas se tornou tarefa central de nosso trabalho como extensionistas. Destaco então que a autoria e condução do podcast Papo de Orelhão, aqui apresentado como produto de divulgação histórica do TCC, foi em todas as etapas, compartilhada com Luiz Gustavo Assunção.

Nosso conhecimento sobre o que é um podcast era, até então, do ponto de vista de consumidores. E cabe pontuar aqui que, até então, víamos essa tecnologia como uma versão mais jovem do rádio, acreditando no início do projeto que seria quase impossível tirar a ideia do papel sem um aparato técnico profissional que sabíamos por alto ser utilizado nas gravações radiofônicas. Já que esse era outro tipo de transmissão/mídia com a qual nunca tivemos contato na figura de produtores. Mesmo que a ideia de fazer um podcast ainda fosse apenas um trabalho de uma disciplina que chegaria ao fim naquele semestre de 2021, estávamos empenhados em criar algo com qualidade o suficiente para ser apresentado a professora e colegas de turma.

O que tínhamos a nosso alcance eram ferramentas comuns no dia a dia da maioria das pessoas e softwares gratuitos ou livres. Em reuniões quase que diárias via mensagens e ligações pelo Whatsapp fomos encontrando soluções para chegar a uma qualidade de som e conteúdo que agradasse a todo o grupo. As gravações foram e ainda são feitas com o microfone de fones auriculares (tipo mais comum que até pouco tempo vinha como acessório de todos os modelos de telefone móvel), uma das soluções encontradas para fazer uma espécie de isolamento caseiro foi usar a parte interna de nossos guarda-roupas como “estúdio”. Atualmente usamos de outras estratégias para melhor ambientar nossos consumidores, por exemplo, assumir os pequenos ruídos das gravações e entrevistas via vídeo chamadas como caracterização das nossas chamadas telefônicas fictícias, remetendo ao atual nome do programa.

Nessa primeira experiência falamos de Brasília nos dedicando a pensar seu cenário musical. Entre as décadas de 1970' e 1980' a capital federal ganhou o título de “capital do rock”, narrativa que questionamos nesse primeiro podcast. Dois episódios foram criados especialmente para serem apresentados na disciplina. No primeiro trazíamos um panorama geral sobre a origem

da nova capital brasileira, visando contextualizar o ouvinte. Já no segundo, nos aprofundamos em como foi construído o cenário musical desse período da segunda metade do século XX até meados dos anos 2000, falando tanto do Brasil em geral e do caso do Distrito Federal, até chegarmos ao que toca atualmente no DF.

Muito mais que mostrar que Brasília na prática não era e não é exatamente a capital do rock, a intenção também foi demonstrar como esse cenário e consumo musical também é atravessado por questões geográficas e socioeconômicas. Sendo o rock nacional aqui produzido, fruto do trabalho de artistas residentes no Plano Piloto e com uma vida mais privilegiada financeiramente. E por isso mesmo retratando um Distrito Federal que se concentra na região central, e os dilemas de uma população jovem que pertencia ao mesmo grupo que eles. Fazendo frente a isso, e sendo mais difundido que o rock no DF desde o final da década de 1980' e início de 1990', o RAP já fala de outras Brasília, que estão longe do Plano Piloto e vivem dilemas que atingem os grupos sociais mais vulneráveis da capital. A violência, desigualdade social e econômica são frequentes nas letras, destruindo a imagem utópica de Brasília.

Esse ensaio do que posteriormente seria o Papo de Orelhão, recebeu o nome de “A voz de Brasília” fazendo alusão ao programa de rádio “A voz do Brasil” criado em 1938, sob o nome “Hora do Brasil” até a década de 1970'. Toda a estética visual e sonora do podcast criado pelo grupo se inspirou no noticiário radiofônico e nas características que marcaram a era de ouro do rádio brasileiro, buscando retomar uma memória afetiva que está presente até mesmo nas gerações mais atuais, que nasceram e vivem um mundo completamente digital. Essa escolha estética é um exemplo do que foi mencionado anteriormente neste trabalho, como o podcast pode se utilizar de elementos do rádio ao mesmo passo que conserva características próprias.



Figuras 1 e 2. Episódios experimentais para atividade da disciplina Laboratório de Ensino de História-HIS/UnB, ministrada pela Prof. Cristiane Portela, 2021.

A disciplina de Laboratório de Ensino de História se encerrou naquele semestre em novembro de 2021, mas o desejo de dar continuidade ao podcast produzido durante o período de aulas continuou. A partir da manifestação do nosso interesse em continuar a iniciativa, a professora Cristiane Portela nos convidou a integrarmos o Projeto Outras Brasília, como atividade de extensão. Em janeiro de 2022 o podcast passou a oficialmente tomar corpo de projeto universitário, se tornando um dos produtos/subprojetos didáticos que integram este projeto mais amplo. O Outras Brasília<sup>1</sup> é um projeto de extensão iniciado em 2019 na UnB e faz parte do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas, seu principal foco é o ensino de História do Distrito Federal, sendo composto por professores, pesquisadores e estudantes da própria instituição, da Secretaria de Educação do DF e de instituições afins com o tema.

A partir dessa adesão ao Outras Brasília, o podcast passou por uma reestruturação e processo de produção de uma primeira temporada completa. No entanto, o objetivo central do programa permaneceu o mesmo: falar de outras perspectivas da história de Brasília por meio de personagens e narrativas secundarizados pela historiografia mais difundida sobre o Distrito

<sup>1</sup> O site do projeto está em processo de reformulação, para contemplar a totalidade das frentes de trabalho associadas a ele, mas aqui encontramos algumas informações relativas à proposta inicial, vinculada ao Curso de Formação Continuada Outras Brasília, oferecida nos anos de 2020 e 2021: <https://outrasbrasilias.com.br/>

Federal. Assim, em debate com a professora, a equipe do podcast primeiro passou a procurar um nome que fugisse a ideia de uma única Brasília, ao mesmo tempo que encontrasse uma conexão com todos os públicos. Desde o início a intenção era que o alcance do podcast ultrapassasse o público acadêmico ou aqueles que já possuem uma relação direta com a história mais conhecida do Distrito Federal, seja por morar aqui ou estudar o tema.

Nessa busca por um nome que fugisse das ideias narrativas mais hegemônicas, a inspiração veio da forma como os episódios do tipo entrevista precisaram ser gravados devido ao distanciamento social gerado pela pandemia do covid -19. Como ferramenta de gravação à distância eram usadas plataformas de conferência online como *Teams*, *Google Meet* e *Zoom*, que, embora úteis, apresentavam instabilidade e baixa qualidade visual e sonora. Ironizando as dificuldades geradas pela perda de qualidade do áudio das entrevistas via conferência online, surgiu no grupo a ideia de nomear esses episódios como “Papo de orelhão”, em referência aos antigos telefones públicos, decidindo então editar as entrevistas de forma que elas lembrassem as ligações telefônicas. Após a primeira entrevista, o grupo chegou à conclusão de que todos os episódios passariam a adotar essa forma de edição sonora, e o podcast receberia definitivamente o nome Papo de Orelhão, por remeter à pluralidade de acesso e vozes, por se tratar de um meio de comunicação popular e de fácil disponibilidade.

O programa busca ser uma forma mais leve e aconchegante de fazer e consumir história pública, fugindo dos padrões rígidos de se comunicar que muitas vezes encontramos nas produções acadêmicas. Com essa mudança de nome, vieram também um debate acerca dos elementos que deveriam compor a identidade e alterações significativas na estética visual e sonora do podcast (figuras 3, 4 e 5). Alguns elementos, como a vinheta de abertura inspirada na tocada no início do “A voz do Brasil” se mantiveram, mas a linguagem de rádio foi substituída por outra que simula a experiência de uma ligação telefônica. Outra mudança veio no formato dos episódios, que passaram a intercalar entre entrevistas e o chamado storytelling, metodologia de produção que em tradução livre significa “contação de história”. O podcast, que é produto de divulgação histórica deste TCC, está disponível no link: [Papo de Orelhão | Podcast on Spotify](#)



Figuras 3 e 4. Experimentações dos elementos que deveriam compor a identidade

Figura 5. Versão atual da identidade visual do podcast.



Em sua primeira temporada, o podcast é composto por 15 episódios, sendo 04 programas temáticos, 05 entrevistas e 06 fichas bônus, que começaram a ser lançados em abril de 2022. A produção, pesquisa e roteiros para cada episódio seguem sendo elaborados pelos alunos graduandos de história que compõem o grupo, com supervisão da Prof<sup>a</sup> Cristiane Portela. Nessa primeira temporada o tema central são as histórias de mulheres que estiveram presentes no período de construção e primeiros anos de Brasília, entre os anos de 1956 e 1965 (figuras 6 e 7). A inspiração e fonte inicial de pesquisa sobre o tema, foi um dossiê histórico-investigativo produzido também pelo coletivo do Projeto Outras Brasília, inicialmente como material voltado para um curso de formação continuada de professores da rede pública de ensino. O título que nomeia a primeira temporada traz o mesmo nome que este material. O dossiê original está disponível neste link: [5. Dossiê 3. Sobre bailarinas e mães de família.pdf](#) (figura 8).



Figuras 6 e 7 - Feed do programa na plataforma Spotify.



Figura 8 - Capa do dossiê investigativo que inspira a 1ª temporada.

Passamos por mudanças e evoluções significativas a cada novo episódio, desenvolvendo novas estratégias e observando outras produções para chegar até a fórmula que está disponível hoje. Desde o barulho de moedas para imitar fichas telefônicas antigas na sonoplastia dos episódios, até horas de pesquisas para compreender a rotina específica de lavadeiras ou profissionais do sexo que viviam em Brasília no período abordado pelo podcast. Diferente do que o grupo esperava e desejava, as principais inspirações em termos técnicos vieram de podcasts fora do nicho da história, sobretudo pela falta de produções com as características pretendidas pelo Papo de Orelhão: ser um programa criado a partir da pesquisa e reflexão acadêmica, mas que conversa com quem está de fora dessa esfera e muitas vezes tem dificuldade em se conectar com esse espaço por sua linguagem.

Os episódios em formato de entrevistas se inspiram na abordagem feita pelo podcast História Pirata, co-criado pelos professores de história Daniel Gomes de Carvalho e Rafael Santesso Verdasca, que segue a ideia de bate-papo, tendo como convidados historiadores que atuam no ensino, pesquisa e divulgação científica da história. Já nos episódios temáticos seguem

um formato criado a partir da observação e estudo de podcasts storytelling, sendo eles o *Projeto Humanos - O caso Evandro e Altamira*, idealizado e apresentado por Ivan Alexander Mizanzuk, professor na área de comunicação e jornalista; a produção *Leila*, criação do streaming *Globoplay* (grupo Globo) em colaboração com as produtoras audiovisuais *bigBonsai* e *Multiverso Produções*; e por fim, o podcast *Praia dos Ossos* da *Rádio Novelo*, produzido e narrado pela podcaster Branca Vianna. Esses três exemplos, seguem uma linguagem e trabalho de pesquisa voltados ao jornalismo investigativo, mas se cruzam na forma como a partir da contação de pequenos recortes, e com personagens secundarizados ou que fazem parte de narrativas socialmente incômodas, trazem para o plano macro reflexões e debates de forma historicizada sobre a sociedade brasileira.

Assim o Papo de Orelhão passou a seguir uma estrutura onde em cada episódio acompanhamos uma personagem que compõe o dossiê e nos leva a novas perspectivas acerca da história de Brasília e sobre a presença de mulheres no período que abrange a construção até os anos iniciais da nova capital. Em sequência a cada um desses episódios que seguem o formato storytelling, ou seja, uma contação de história, vem as entrevistas relacionadas com a personagem anteriormente abordada. Nesse sentido, para essa temporada foram convidadas cineastas e documentaristas que dirigiram ou participaram de produções cinematográficas que retratam essas mulheres e suas histórias no DF, em histórias que se passam aqui ou em diálogo com outras localidades do Brasil: Denise Pereira Caputo responsável pelo documentário “A Saga das Candangas Invisíveis” de 2007; Zuleica Porto, roteirista e assistente de direção do curta “Taguatinga em pé de guerra”; Tânia Maria Fontenele Mourão que dirigiu o documentário “Poeira & Batom no Planalto Central - 50 mulheres na construção de Brasília” e Edileuza Penha de Souza, documentarista por trás do “Filhas de lavadeiras”. Essas entrevistas, além de trazerem comentários das próprias autoras sobre as obras, por nós analisadas como fontes históricas, também buscam aprofundar temas e percepções das entrevistadas sobre as narrativas e personagens discutidos. Procuramos pensar não somente a realidade do Distrito Federal, mas como ela também se conecta com um contexto mais amplo, por acreditarmos que a história local não deve jamais se circunscrever a uma única escala, permitindo pensar contextos mais amplos: nacionais ou globais, que permitam compreender diferentes camadas que envolvem as narrativas históricas.

Essa abordagem tem como intenção se concentrar para além de narrativas e presenças de mulheres em episódios históricos que aparentam ser apenas protagonizados por homens. Buscamos também compreender como essas mulheres ocuparam de formas distintas esse espaço físico e temporal, tendo como ponto de partida suas diferentes realidades, posições socioeconômicas, as questões raciais e locais de origem, assim como seu exercício profissional e vida doméstica no contexto da nova capital. Nesse processo, acompanhamos a história de pioneiras, lavadeiras, mães de família e de profissionais do sexo chamadas à época de “bailarinas”, acompanhando como os indícios mais destacados de sua presença escondem a construção de trajetórias próprias. Da mesma forma, nos reportando à reflexão de como esses títulos aos quais esses personagens estão submetidos foram formulados, quais subjetividades guardam e como viver sob esses diferentes rótulos as afetou. Além desses objetivos trabalhados durante essa primeira temporada, deve-se pontuar o desejo de, através das entrevistas, pensar e jogar luz sobre o protagonismo das mulheres que pesquisam e produzem conteúdo sobre outras mulheres no Distrito Federal.

Embora a primeira temporada seja voltada para um recorte cronológico já bastante ventilado pela perspectiva hegemônica, se reportando ao período de planejamento até os primeiros 5 anos após a inauguração da nova capital, essa temporalidade foi utilizada como ponto de reelaboração narrativa. A partir da visão hegemônica que já é familiar para a maioria, convidamos o público a conhecer novas possibilidades e personagens capazes de contar a história do Distrito Federal. A visão historicizada mais reproduzida sobre o DF, nos leva a vislumbrar um local afirmado como anexo a realidade do Brasil, e paira sobre o resto do país como um lugar utópico e inatingível pelas questões socioeconômicas e culturais que perpassam o resto do território continuamente. Como pontuado por Portela e Rocha Jr.:

A história mais conhecida do Distrito Federal traz características que se alinham em grandes eixos narrativos. Estes são diversos, mas aqui destacamos três aspectos. Primeiro, a construção de Brasília aparece como fruto de uma vontade popular que se transforma em vontade de Estado e de governantes, daqueles que desde longa data sonhavam que fosse transferida para o interior do país, a capital do Brasil. Alinham-se aí diversos momentos e fatos, cujos contextos nem sempre dialogam entre si. Em segundo lugar, aparece a decisão de JK de construir a capital no quadrilátero que já havia sido delimitado desde o final do século XIX, após a Missão Cruls. Esse evento é destacado como fruto de uma vontade pessoal, sem ligação com o contexto político do momento. Por fim, o terceiro aspecto que destacamos é o sentido de civilização e colonização, acionados como forma de superação do vazio e do atraso que representava o sertão, o que estabelece para a futura capital a ideia de que ali tudo começaria do zero e de que o progresso e o desenvolvimento seriam inevitáveis, e se irradiariam para todo o país. (2020, p.6)

A intenção não é desconsiderar as narrativas que se tornaram hegemônicas e seus personagens, mas demonstrar que, além deles, existem outros sujeitos históricos e percepções sobre esse mesmo local e temporalidade. Entendemos que estas outras narrativas contribuem para compreendermos as dinâmicas históricas no Distrito Federal e como esta pode ser pensada em relação a uma história nacional, e em conjunto com as questões e interesses que se fizeram presentes na sociedade brasileira em cada momento histórico. Esse tipo de abordagem também contribui para a aproximação inicial do público com o conteúdo, sendo necessário partir do conhecimento prévio do consumidor para conseguir ambientá-lo dentro dessas novas possibilidades narrativas e de debate e a partir daí, fornecer as informações necessárias que levarão a uma pluralização dos conhecimentos. Um desafio é que essas narrativas devem ser criadas para serem inteligíveis por si mesmas, visto que não há a possibilidade de uma interação imediata, que respondesse à dúvida surgidas no momento da audição.

Cabe também acrescentar como característica dessa narrativa hegemônica que acabou sendo o mote de discussão da primeira temporada do Papo de Orelhão, a ideia de que a presença de mulheres no período que abrange a construção até os primeiros anos da nova capital, se limita a indícios subestimados ou vistos como um suporte àqueles que seriam os verdadeiros protagonistas dessa visão histórica, os homens. A união desses componentes narrativos, acabam por refletir não somente sobre as problemáticas historiográficas que envolvem o Distrito Federal, mas que também podem ser observadas na abordagem de outros recortes, o que demonstra que a história do DF não está alheia a contextos e visões que perpassam a construção imagética do que é o Brasil e da sua construção histórica. Ao mesmo passo que aponta para como ainda é extremamente necessária a crítica a estes eixos narrativos hegemônicos, que geram a manutenção de um discurso com forte presença na sociedade brasileira, o podcast lança mão também da apresentação de alternativas narrativas, que indicam leituras contra-hegemônicas sobre a história do DF.

### **1. Reflexões sobre o processo de produção de podcasts como parte formativa no Curso de História**

Os personagens, narrativas e assuntos abordados e debatidos durante a construção dos episódios do podcast, levaram os estudantes que atuam por trás dele a um exercício historiador precioso, sobretudo no que diz respeito a pensar a história a partir de suas lacunas e ausências, e

não por meio de grandes histórias épicas. Enquanto instrumento formativo, o Papo de Orelhão se tornou um espaço de aprendizagem para estudantes pesquisadores, que estão vivenciando o processo de repensar a história do Distrito Federal a partir de uma perspectiva contra hegemônica. O que faz do programa um grande laboratório do fazer historiográfico onde acertos e erros tem oportunidade de passarem por reflexão e levarem a novos caminhos. Obviamente como um projeto e debate ainda em construção, é possível encontrar lacunas que por hora não foram totalmente preenchidas por esse conteúdo criado exclusivamente por alunos de História. Mesmo assim é possível compreendê-lo como uma possibilidade relevante do fazer historiográfico sobre o Distrito Federal, e como espaço fomentador de conhecimento para quem produz ou consome o podcast.

Além de refletir sobre as fontes historiográficas com um olhar afastado da ideia de história única, e mais pautado em uma leitura a partir das minúcias e dos não ditos. Também tivemos a chance de experienciar e refletir sobre como é produzir história pública no Brasil e quais estratégias englobam essa prática. De forma, que o podcast enquanto projeto de extensão com o intuito de dialogar com um público externo à universidade, ao mesmo passo que tem como missão agregar na construção de conhecimento dos alunos envolvidos nele, conseguiu atingir ambos os objetivos. Nesse sentido, é importante ressaltar como a criação de uma linguagem que tem em vista estabelecer uma relação mais próxima com o público, mediante elementos da chamada telefônica, possibilitou levar os debates e narrativas suscitados entorno da história do DF a um público não acadêmico ou que não possui vínculo com esse tema.

A metodologia seguida para a criação dos episódios também se tornou um forte contributo formativo para os alunos, enquanto pesquisadores e produtores de conhecimento, possibilitando pensar como instrumentos metodológicos da comunicação podem traçar um paralelo com os já usados na historiografia. Se destacando nesse sentido o *storytelling*, fórmula produtiva na qual a partir de personagens e cenários se constrói pano de fundo para ilustrar eventos, tal qual se faz na micro história. Assim, acreditamos que os alunos conseguiram se utilizar também dos conceitos teóricos-metodológicos da história em situações práticas. E ainda, conseguindo elaborar formas atualizadas para aplicação desses conceitos, mostrando como o que já está estabelecido na história pode ser possível em contextos vistos como novos modos do fazer e veiculação científica.

O retrospecto sobre a construção técnica do podcast deixa demonstrado como essa tecnologia possui uma ampla gama de possibilidades dentro e fora dos contextos educacionais, o que se deve a sua própria trajetória de construção até a versão que temos acesso hoje. Em um curto espaço de tempo o podcast alcançou uma identidade técnica e conceitual própria, pautada no livre compartilhamento e debate de ideias, assim como, em uma oralidade guiada pela pluralidade de vozes, e não pela ideia do ouvir passivo, como ocorre em outros meios de comunicação e informacionais. Dessa forma, percebe-se que ocorreu um distanciamento de seu próprio conceito técnico inicial que o propunha como uma tecnologia online para a distribuição de áudios sob demanda. E tendo em vista o crescimento acelerado que vem experimentando no Brasil, se torna impraticável continuar a ignorar sua potência como forma de ampliar o tempo e espaço da educação formal e da produção científica.

Como bem pontuam os autores, Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira, embora exista um esforço de diversos sujeitos nos ambientes acadêmicos para a promoção da divulgação científica com a intenção de atingir o grande público, a distância que ainda se mantém dos novos suportes expositivos criados pela internet, torna os produtores desse conhecimento a última voz a ser considerada por esse público não acadêmico (CARVALHO e TEIXEIRA, 2019, p. 10). Sendo assim, é relevante o contato com essas novas formas de produzir e compartilhar conhecimento desde o início do caminho formativo, sobretudo nas áreas de ciências humanas, que no senso comum brasileiro são menos valorizadas como saber científico.

Reflexão similar pode ser feita se pensando mais propriamente a construção do conhecimento e práticas pedagógicas, pelas quais os alunos passam em sua trajetória acadêmica. A formação nos ambientes do ensino superior, assim como ocorre na escola, tende a ignorar que os alunos são agentes autônomos e capazes de elaborarem seus próprios saberes a partir daquilo que acessam, dentro e fora dos meios formais da educação. Dessa forma, é imprescindível versar também com o que está para além dos meios já tradicionais de repositório de conhecimento das universidades. Buscando além de estabelecer uma conexão com a realidade dos alunos, reconhecer sua posição de agentes de reflexão e formação de saber. Abandonando um discurso unilateral, onde uma hierarquia reafirmada por titulações acadêmicas, estabelece o professor como o detentor do conhecimento científico e o aluno como o ser passivo a recebê-lo.

O caso-exemplo do Papo de Orelhão aponta também para como o podcast pode funcionar como um laboratório prático de aprendizagem colaborativa e autônoma, contribuindo para uma

troca de saberes e reflexões em uma relação não engessada entre produtor e consumidor do conteúdo. Tal característica pode ser considerada primordial desde o início dessa tecnologia, já que está presente tanto na criação dos softwares que levaram a existência do podcast, assim como no primeiro programa dessa categoria *Daily Source Code*. Em sua forma de espaço experimental construído por alunos, o Papo de Orelhão conseguiu trilhar por caminhos, que embora passem por um tempo e espaço já presente na história hegemônica do Distrito Federal, apontam para possibilidades de reelaboração de perspectivas históricas ao se guiar nessa história convencional a partir de personagens e narrativas secundarizadas. Ao unir as características técnicas e conceituais do podcast com essa proposta, de partindo de um local narrativo já engendrado na história e senso comum, se aprofundar em outros lugares e possibilidades de contar sobre o Distrito Federal, o resultado é um espaço de reflexão tanto para os alunos pesquisadores por trás desse conteúdo quanto para aqueles que o consomem.

O caso apresentado como exemplo de uso do podcast, demonstra que é possível pensar alternativas às práticas recorrentes no mundo acadêmico. Não necessariamente a prática de *podcasting* deve ser tomada como uma receita pronta para todos os casos, mas se apresenta como uma das grandes possibilidades dentre outras, que ricamente a categoria de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apresenta. Vale ressaltar, a forma com que o Papo de Orelhão consegue ilustrar bem como essas novas tecnologias fazem a junção de características técnicas que criam um espaço de amplas possibilidades educacionais e de diálogo aberto tanto para produtores de conteúdos, quanto para consumidores. Além de agregar ao mesmo tempo, diferentes sujeitos e narrativas, sem necessariamente precisar os colocar no mesmo espaço físico e cronológico para haver uma troca entre eles.

## Referências

BIANCHESSI, C.; MENDES, A. A. P. “Podcast presente nos dispositivos móveis digitais: um recurso para mobile learning na disciplina de História” in **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 4, n. 09. Manaus — AM: Editora IFAM, 2018. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/492> . Acesso em: 30 abr. 2023.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula, eds. História pública e divulgação de história. Letra e Voz, 2019.

CORRÊA, L. O. "As audiografias: uma conversa histórica através dos sons in **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 22, n. 2. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645781> . Acesso em: 30 abr. 2023. [pp. 73–80]

CORREA, L. O. "As audiografias como experiências de história pública: possibilidades e desafios" in **Revista Observatório** v. 3, n. 5. Palmas/TO: UFT, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3672> . Acesso em: 30 abr. 2023. [pp. 102-122]

FREIRE, E. P. A. (2017). "Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional" In **Educação Em Revista**, 18(2). Marília/SP: Unesp, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55> [pp. 55–71]

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. "Aplicações Escolares do Podcast" in **Anais do Congresso Nacional de Ambientes Hiperfídia para Aprendizagem (CONAHPA)**. João Pessoa, PB, 2013. Disponível em: [https://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2015011227eb5e2658179c96efafcc7b2/aplicacoes\\_escolares\\_eugenio.pdf](https://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2015011227eb5e2658179c96efafcc7b2/aplicacoes_escolares_eugenio.pdf)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

GERMINARI, Geyso D.; GONÇALVES, Rita de Cássia. **Ensino e aprendizagem da história e as tecnologias no ambiente escolar**. Curitiba, PR: CRV, 2020.

HAMMERSLEY. **Audible revolution: Online radio is booming thanks to iPods, cheap audio software and weblogs**. in *The Guardian*, 12 de fevereiro de 2004. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>. Acessado em: 06 de fevereiro de 2023.

LOURES, João Victor. **Podcasts de Storytelling : A produção de narrativas históricas digitais para o ensino de história**. [Dissertação de Mestrado Profissional em História do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História]. Florianópolis, SC: UFSC, 2018.

MUNHOZ, Antonio Siemsen. **Aprendizagem ativa via tecnologias**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2019.

NOGUEIRA, Daniel Ramos et al.. **Revolucionando a sala de aula 2: novas metodologias ainda mais ativas**. São Paulo: Atlas, 2020.

PORTELA, Cristiane de Assis; ROCHA JR., Deusdedith Alves. “Ensino de História em tempos de pandemia: produção autoral e co-criação no *Curso Outras Brasília*, Universidade de Brasília” in **H2D: Revista de Humanidades Digitais**, v. 2, n. 2. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2020. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/h2d/article/view/2924/3367> . Acesso em: 6 ago. 2021.